

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
CURSO DE LETRAS

AMANDA CAROLINE SOMACAL

**A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS “ENTRE  
A ESPADA E A ROSA” E “PELE DE ASNO”: ESTUDO  
COMPARATIVO**

PASSO FUNDO

2017

AMANDA CAROLINE SOMACAL

**A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS “ENTRE  
A ESPADA E A ROSA” E “PELE DE ASNO”: ESTUDO  
COMPARATIVO**

Monografia apresentada ao curso de Letras – Inglês,  
Português e Respectivas Literaturas da Universidade  
de Passo Fundo como requisito para obtenção do  
título de licenciatura em Letras.

Orientador: Ricardo Moura Buchweitz.

PASSO FUNDO

2017

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado força para superar os obstáculos nessa caminhada.

A meu professor orientador, Ricardo Moura Buchweitz, pela paciência, pelo suporte e pelo incentivo para que esse trabalho fosse possível.

A minha família, por terem aguentado meus momentos de desespero, sempre confiando em mim e acreditando que era possível. Obrigada pelas palavras acalentadoras e os abraços sempre que necessário.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse momento.

## RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo bibliográfico a respeito dos contos de fadas. Foram usados como base dois contos, sendo “Entre a espada e a rosa” de Marina Colasanti e “Pele de asno” de Charles Perrault. O trabalho buscou entender a diferença entre os dois contos que são de uma autora contemporânea e de um dos pioneiros do gênero no mundo. Destaca-se que os contos escolhidos não são tão conhecidos por serem diferentes dos contos de fadas que são comumente contados pelos pais e professores. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e exploratória.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Pele de asno. Charles Perrault. Entre a espada e a rosa. Marina Colasanti.

## **ABSTRACT**

The present work consists of a bibliographic study about fairy tales. Two tales were used as a basis, them being "The Sword and the Rose" by Marina Colasanti and "Donkeyskin" by Charles Perrault. The work sought to understand the difference between both tales, on being by a contemporary writer and the other being by one in the genre throughout the world. It is important to note that both tales are not very popular, for they are different from the tales usually read by parents and teachers. It is a bibliographic and exploratory research.

**Keywords:** Fairy tales. Donkey Skin. Charles Perrault. The Sword and The Rose. Marina Colasanti.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 REVISÃO DE LITERATURA .....	8
1.1 Conceito de Conto Literário e Conto de Fadas .....	8
1.2 Conceito de lenda.....	9
1.3 Conceito de Mágico, Maravilhoso e Fantástico.....	11
1.4 Simbologia .....	13
2 TRAJETÓRIA DOS CONTOS DE FADAS .....	16
2.1 Charles Perrault.....	19
2.2 Irmãos Grimm.....	21
2.3 Hans Christian Andersen .....	23
2.4 Marina Colasanti .....	24
3 ANÁLISE DOS CONTOS.....	26
3.1 Conto: Entre a espada e a rosa .....	26
3.2 Conto: Pele de Asno .....	29
3.3 A figura feminina.....	32
CONCLUSÃO.....	36
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	38
ANEXO .....	41

## INTRODUÇÃO

O crescimento da criança é acompanhado pelo folclore, pelas lendas e pelos contos de fadas. Todas as crianças gostam de ouvir histórias fantásticas antes de dormir, histórias essas onde as manifestações irrealis embalem seus sonhos e lhe apresentem um mundo mágico e encantador. Os Irmãos Grimm e Andersen, como pioneiros no gênero contos de fadas, trouxeram uma literatura direcionada ao mundo infantil, com fadas aladas e bruxas malvadas, com mundos diferentes e inusitados, feitos para sonhar.

Entretanto, nem todos esses contos que embalam os sonhos das crianças foram preservados, com o passar do tempo aconteceram modificações e hoje já não são mais apenas uma forma de entretenimento, são também fonte de moralidade. Os contos atuais, denominados “contos maravilhosos” continuam com sua essência de mostrar um mundo diferenciado para as crianças, mas fazem isso de forma didática e com um gostinho de ensinamentos.

Neste trabalho buscou-se fazer uma pesquisa de cunho bibliográfico acerca do gênero textual conto de fadas, buscando entende-lo desde sua aparição até os dias atuais. Foram usados os mais diversos materiais para pesquisa, buscando sempre o maior aprofundamento no tema estudado para melhor aperfeiçoamento profissional.

No primeiro capítulo é abordada uma pequena revisão de literatura, onde há a conceituação de conto literário e conto de fadas, de lenda, de mágico, maravilhoso e fantástico e das simbologias presentes no gênero textual em estudo. O trabalho, portanto, inicia com uma breve explanação sobre as especificidades do gênero com a intenção de fazer com que se entendam melhor os motivos que levaram os autores, que constam no segundo capítulo, a escrever contos de fadas.

O segundo capítulo trata da trajetória dos contos de fadas, passando por Charles Perrault, pelos Irmãos Grimm, por Hans Christian Andersen chegando, por fim, a Marina Colasanti, contista dos dias atuais. Cada autor possui características de escrita que supriam as necessidades de cada época e de cada leitor. É imprescindível conhecer Perrault, Grimm e Andersen para melhor compreender os contos de fadas, sua estrutura e criação. E, trazendo o gênero para os dias atuais, o estudo sobre Marina Colasanti faz um elo entre a aparição desse tipo de literatura e como ela se manifesta nos dias atuais.

No terceiro capítulo há a análise de dos contos, sendo esses “Entre a espada e a rosa” de Marina Colasanti e “Pele de asno” de Charles Perrault. Os contos foram analisados a partir da pesquisa bibliográfica realizada para a revisão de literatura, priorizando o estudo da figura feminina nas duas obras citadas.

Por fim, há a conclusão onde é destacada a importância desse estudo para os profissionais de literatura bem como sugestões para futuros trabalhos ainda na mesma linha de pesquisa. Os contos analisados estão anexados ao final do trabalho.

# 1 REVISÃO DE LITERATURA

## 1.1 Conceito de Conto Literário e Conto de Fadas

O conto nada mais é do que uma narrativa condensada e objetiva, que possui linguagem simples e de fácil entendimento, alcançando, assim, vários públicos. Na maioria das vezes o contista tenta passar uma moral, um conselho de amigo para o leitor.

Em *O Conto Brasileiro Contemporâneo*, Alfredo Bosi nos explica o que é o gênero textual em questão. Conforme citação abaixo,

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase-documento folclórico, ora quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às voltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem. (1972, p. 7)

Tendo em vista a longa trajetória dos contos e suas mais diversas características, Bosi finaliza dizendo que “é muito provável que o conto oscile ainda por muito tempo entre o retrato fosco da brutalidade corrente e a sondagem mítica do mundo, da consciência ou da pura palavra” (1972, p.22).

O conto faz parte da cultura dos mais diversos povos. Estudiosos afirmam que o conto é mais remoto do que se tem ideia, podendo ter surgido no antigo Egito. Os povos possuem seus próprios contos que se originam de crenças, de acontecimentos ou da imaginação. Moacyr Scliar (1937) em uma entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, em quatro de fevereiro de 1996, disse:

Eu valorizo mais o conto como forma literária. Em termos de criação, o conto exige muito mais do que o romance... Eu me lembro de vários romances em que pulei pedaços, trechos muito chatos. Já o conto não tem meio termo, ou é bom ou é ruim. É um desafio fantástico. As limitações do conto estão associadas ao fato de ser um gênero curto, que as pessoas ligam a uma ideia de facilidade; é por isso que todo escritor começa contista.

Já os contos de fadas são relatos populares que brincam com o sagrado e o profano, o trágico e o humorístico. Possui seres, objetos e até mesmo lugares sobrenaturais (bruxas, fadas, dragões, reinos enfeitados) que não fazem parte da lógica real. Esse tipo de conto é

adaptável para ser contado para os mais diversos públicos, pois possui um número pequeno de personagens e um enredo relativamente simples. Falam sobre sentimentos cotidianos, a raiva, o ódio, o amor, a lealdade, a traição. Existe uma complicação que deve ser resolvida e, depois disso, a paz volta a reinar e os finais são felizes. Há uma gratificação para atitudes boas e as atitudes ruins são abominadas.

O objetivo do texto é passar uma lição para seus leitores. Katia Canton, pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) e autora de diversos livros de contos de fadas exemplifica dizendo que: “A lógica embutida em *Chapeuzinho Vermelho* é 'não fale com estranhos’”.

Segundo Katia Canton, em entrevista dada para a Revista Educação em abril de 2000 (p. 45), cada povo tem uma forma de fazer contos de fadas “as histórias árabes se emendam umas nas outras, num ritmo circular; as italianas são associadas ao trabalho no campo; as japonesas nasceram em Kioto, na época medieval, e estão ligadas à vida urbana”. Os contos são um espelho que mostram a realidade de um povo, com seus afazeres do dia a dia e a forma como viviam.

Os contos de fadas foram modificados várias vezes, buscando se adequar ao público-alvo. Para Nelly Novaes Coelho (Revista Educação, abril 2000, p. 44), as narrativas orais trabalham com virtudes e vícios, que são valores universais da humanidade. O mercado editorial sempre modifica os textos originais e, até mesmo, os já modificados, reinventando-os com uma linguagem mais atual, mas nunca deixam de os publicar, pois são textos que sempre fazem sucesso.

## 1.2 Conceito de lenda

Sendo um termo oriundo do latim, lenda significa “coisa que deve ser lida”. Estima-se que teve início com os povos primitivos que criavam relatos, podendo ser de fatos ocorridos ou até inventados, com a intenção de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, como a *Mula Sem Cabeça* e o *Saci Pererê*. Dessa forma, há uma mistura entre realidade e fantasia. As lendas vieram para tentar explicar o que era inexplicável, para dar um por que às

coisas que aconteciam e que as pessoas não sabiam dizer o que eram. São frutos da imaginação de um povo.

A contação de lendas era costume comum nos conventos e mosteiros durante as refeições. Em geral, era feita uma leitura da vida de um santo. Daí vem o nome de lenda, que seria um trecho a ser lido. Mas o termo se ampliou e passou a ser uma história muitas vezes maravilhosa, sendo contada onde existisse um grupo de pessoas. Passaram também a ser, além de contadas oralmente, cantadas e dançadas.

O mundo das lendas é um mundo real, porém enriquecido e incrementado com adornos irrealistas. Dessa forma, não se pode dizer que seja mentira, mas também não se pode afirmar que seja uma verdade absoluta. As lendas são invenções que possuem um suporte verídico.

Para Luís da Câmara Cascudo (1976):

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. (p.348)

As crenças e medos de um povo estão inseridos nas narrativas populares, pois a partir da contação construía-se um mundo fantástico sustentado por fatos reais que eram pintados de uma forma que os fizesse parecer completamente diferentes. As histórias enfeitavam acontecimentos, lugares, seres e eram banhadas em superstições e credências, buscando retratar a cultura de um povo.

Algumas lendas são transmitidas mundialmente, como a lenda do *Lobisomem*, e outras foram criadas por grupos de pessoas de uma região, como o *Saci Pererê* e o *Curupira*, que são tipicamente brasileiros. Todas essas lendas são contadas de forma maravilhosa e fascinante, buscando passar um ensinamento para o seu interlocutor, como é o caso do *Curupira* que busca proteger a mata, ou até o medo, como o *Boitatá*, que é uma cobra de fogo que cega quem a olhar.

### 1.3 Conceito de Mágico, Maravilhoso e Fantástico

Segundo Coelho (2000, p.172) denomina-se maravilhoso a fonte misteriosa e privilegiada de onde nasceu a literatura. O maravilhoso é recheado de personagens com poderes sobrenaturais (animais falantes, objetos mágicos, duendes etc.) apresentando sempre um herói (e/ou um vilão). Além disso, esses contos sempre possuem uma mensagem por trás da narrativa, um ensinamento a ser passado. Quando o leitor inicia a leitura, aceita completamente o que lhe está sendo contado como sendo real e totalmente possível. Não há qualquer dúvida de que os seres e ambientes incríveis de que a narrativa fala é provável. É o caso dos animais que falam, por exemplo, em *O Gato de Botas*.

Os contos de fadas, na França *conte de fées*, na Inglaterra *fairy tales*, na Espanha *cuento de hadas*, na Itália *raccontodi fata*, na Alemanha *märchen* ou *feenmarchen* e no Brasil conhecido como *contos da carochinha*, podem ou não ter fadas, mas sempre possuem o atributo do maravilhoso. Compreende-se como maravilhoso as narrativas que apresentam seres mitológicos ou sobrenaturais. Para Todorov (1975) os contos de fadas e o maravilhoso caminham juntos, já que os contos de fadas são narrativas maravilhosas, o que diferencia e possibilita identificar as distinções é a forma como o conto é escrito. O fantástico lida com fatos sobrenaturais, coisas que fogem completamente de uma explicação científica, como é o caso da existência de vampiros e bruxas. O fantástico sempre deixa uma sensação de dúvida no leitor, omitindo explicações e deixando em aberto a resposta de acontecimentos. É uma narrativa elaborada pelo imaginário, por um mundo completamente diferente do que conhecemos.

Por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho* é um conto de fadas e maravilhoso, pois há um lobo que fala, e isso não provoca surpresa, pois se torna aceitável visando o contexto da história; já *As mil e uma noites* não pode ser entendido como um conto de fadas, é apenas um conto maravilhoso, pois a história é cheia de peculiaridades, mas nada que fuja tanto da realidade que chegue a surpreender ou causar estranhamento, não há a presença de seres mágicos, como animais falantes ou fadas. A história é completamente possível, mas possui alguns aspectos que faz dela maravilhosa, como é o caso do tapete voador.

Para Coelho (1998) os contos eram divididos em contos de fadas e contos maravilhosos. O primeiro possui a presença de seres mágicos, e trás como problemática a existência, como, por exemplo, nos contos onde o herói precisa passar por grandes dificuldades para conseguir o que deseja. A sua origem seria dada pelo povo céltico, pois há grande valorização dos amores fatais. E os contos maravilhosos seriam as narrativas que não apresentam seres mágicos, e a problemática fica a cargo da vida social, econômica, com o acúmulo de riquezas e bens. A origem desses contos seria oriental, pois dá ênfase ao corpo, paixões e necessidades dos indivíduos.

Em *O Conto de Fadas* da estudiosa Nelly Novaes Coelho (1998) diz-se que,

Trata-se do *conto de fadas* e do *conto maravilhoso*, forma de narrativa maravilhosa surgidas de fontes bem distinta, dando expressão a problemáticas bem diferentes, mas que, pelo fato de pertencer ao mundo do maravilhoso, acabaram identificadas entre si como formas iguais. (p.11)

Os contos apresentam os mais diversos obstáculos que devem ser vencidos pelo herói/heroína para que seja possível chegar ao idealizado “final feliz”, tão presente nessas narrativas. Os contos maravilhosos, nas palavras de Coelho, originaram-se das narrativas orientais, e dão maior ênfase a parte material/sensorial/ética do ser humano, exprimindo necessidades básicas. Dessa forma, os contos de fadas e contos maravilhosos possuem a mesma estrutura, mas características distintas. Os contos de fadas usam temáticas que envolvam a realização pessoal dos personagens, normalmente dada pelo casamento, e o ambiente onde tudo acontece são as florestas, palácios e reinos. Já nos contos maravilhosos, a problemática gira em torno de questões sociais.

O termo fantástico vem do latim *phantasticuse* faz menção a coisas que não existem, com o irreal e o sobrenatural. Pode-se falar que a narrativa fantástica fala sobre o fingimento, sobre a imaginação das pessoas. O mundo do fantástico dá vida a personagens, situações e cenários que não poderiam de forma alguma existir no mundo real, e o leitor sabe disso. Segundo Bella Jozef (1986, p. 185) “a literatura fantástica apresenta o discurso aberto, da pluralidade de significados, estabelecendo-se a ambiguidade.” Ou seja, o fantástico brinca com a realidade e o inverossímil. Trata-se da narrativa do absurdo, do natural e do sobrenatural, como vampiros ou zumbis.

Todorov (2010, p.31) diz que “Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico.” O fantástico, para Todorov, nada mais é do que a percepção de acontecimentos estranhos. O leitor é obrigado a aceitar uma narrativa onde a realidade e a imaginação estão tão próximas que se torna impossível separá-las. O mundo das histórias se torna o mundo do leitor, animais falantes, bruxas e fadas são completamente aceitáveis. Os elementos fantásticos levantam dúvidas sobre o mundo real, fazendo com que o leitor se questione se vive em mundo com seres que desconhece, ou se está lendo uma narrativa irreal.

#### 1.4 Simbologia

Os contos de fadas são cheios de símbolos, como os que fazem menção ao sagrado e a hierofania. Nas palavras de Cleó Busatto (2006, p.77) “A sua estrutura literária é forjada por imagens que querem dizer alguma coisa, seja para mim, como para quem existiu antes de mim ou para quem virá depois de mim. Esse simbolismo assegura sua existência.” Esses símbolos estão na narrativa, mas em momento algum são explicados ao leitor. Sendo assim, o entendimento pode variar.

Em *João e Maria (Hansel und Gretel)*, na versão original dos Irmãos Grimm) temos a simbologia do osso utilizado por João para enganar a velha que, como não enxergava, pedia que o menino esticasse o dedo para que ela pudesse sentir se ele estava engordando ou não. O osso utilizado pelo menino representa força, pois se trata de uma parte dura e permanente do corpo. A partir desse símbolo de força, os leitores compreendem que João sobreviverá ao cativeiro, pois foi astuto e conseguiu pensar em algo para salvá-lo. A morte da bruxa presa dentro do forno lembra as bruxas mortas queimadas. Ou seja, todo o conto é trabalhado pensando nos símbolos, no que passaria sentido ao leitor sem precisar explicitar.

Os contos de fadas utilizam os sentimentos bons e ruins para tentar explicar a vida para seus leitores que, no geral, são crianças. O herói tão apreciado nos contos funciona como um modelo a ser seguido, um símbolo de luta e de conquistas. A criança sempre se identificará com o herói, buscará reproduzir o que ele faz e ser como ele é. Os personagens

nos contos ou são bons ou são maus, e seu comportamento não se altera, o que faz com que a criança compreenda de forma plena quem é quem, quem é o herói altruísta e quem é o vilão. O mundo criado na narrativa é irreal, mas a criança consegue identificar coisas que conhece, como a bondade.

Além disso, nada é adquirido sem trabalho e sofrimento, tudo é conquistado aos poucos, com batalhas, passando por cima das dificuldades em busca do final feliz. Não há uma idealização da vida perfeita, com cem por cento de felicidade. Muito pelo contrário. Os contos falam sobre superação, sobre passar por tudo com calma e sabedoria.

Para Bettelheim (2002, p.10), os contos fazem com que as crianças entendam o mundo em que vivem, bem como os seus próprios sentimentos: “O conto de fadas, em contraste, toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte”.

Os contos de fadas trazem uma simbologia sexual. *A Bela Adormecida*, por exemplo, onde podemos analisar que a roca tocada pela princesa pode ser o órgão genital masculino, proibido até então. Mesmo o rei ordenando que todas as rocas do reino fossem queimadas, a princesa encontrou uma e tocou-a. Essa passagem pode ser interpretada como a fase da adolescência, onde os pais, por mais que estejam próximos do indivíduo, não podem protegê-lo o tempo todo, pois se trata de uma fase de descobertas. O sangue que pinga do dedo da princesa faz menção a um dos momentos mais estranhos para uma menina, que seria a menstruação. Nesse momento a menina estaria impura, então cai em um sono profundo, que poderia ser os sete dias de menstruação, onde não a cópula não é permitida. O conto é interpretado de formas diferentes, mas, no geral, trata-se de uma narrativa que mostra que, apesar de ter sofrido com uma maldição, a princesa consegue se livrar de tudo isso e é feliz com um príncipe. Ou seja, apesar dos percalços da vida, é importante manter-se forte.

Os contos de fadas falam, indiretamente, sobre os mais variados temas que afligem as crianças. Os temas são abordados dentro do texto de uma forma que explique e entretenha quem está lendo. Esses contos falam de amor, de ódio, de carência, de se encontrar como indivíduo. Falam sobre as dificuldades da vida e como tudo no final sempre se ajeita e acaba dando certo. Durante a leitura dos contos, as crianças se identificam e buscam respostas para os mais diferentes problemas encontrados no ambiente familiar ou na sua vida particular.

Engana-se quem pensa que as crianças não possuem dilemas que as incomodam, na verdade há muita coisa que elas não entendem e não se sentem confortáveis para perguntar. As histórias vêm para tentar ajuda-las, mesmo que implicitamente, a encontrar respostas para as suas perguntas e seus medos.

A Bíblia, por exemplo, faz uso dos simbolismos também. É o caso da maçã do Jardim do Éden que, na verdade, é o símbolo da tentação que Adão e Eva deveriam superar. A partir dos símbolos, tenta-se passar ensinamentos, e o significado deles pode variar de pessoa para pessoa. A simbologia está presente na vida de todos os indivíduos, mas usando como exemplo as crianças, percebemos que tudo gira em torno de símbolos usados para explicar as mais diversas situações. As histórias contadas a essas crianças estão repletas de símbolos que precisam ser analisados do ponto de vista individual, já que a interpretação deles é individual. Um dos simbolismos mais presentes é o fato de as princesas e príncipes nunca terem nomes. Dessa forma, a criança se coloca no lugar do personagem e organiza os seus familiares a partir dos que fazem parte daquela história.

Os contos de fadas mexem com o entendimento do leitor, com sua psique. Os simbolismos são os mais diversos, podendo ser do mal ou do bem, e fazem sentido de formas diferente para cada indivíduo. Por exemplo, a sombra de *Peter Pan* que pode analisada como a parte ruim do personagem, onde se encontram seus sentimentos obscuros. Essa sombra seria as coisas ruins que todos nós temos, mas que não aceitamos. Na história, quando *Peter Pan* aprende a viver com a sua sombra se torna mais forte, pois agora ele entende que essa é uma parte dele, e não o seu ser inteiro.

## 2 TRAJETÓRIA DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas que conhecemos hoje surgiram na Europa, mais precisamente na França e na Alemanha, no final dos séculos XVII e XVIII (Lubetsky, 1989). A Inglaterra, nesse momento, passava pela segunda Revolução Industrial. Com a Revolução Industrial entra em cena um novo gênero, o romântico, que toma o lugar dos contos de fadas fazendo deles uma literatura para crianças.

Segundo pesquisadores da Universidade de Durham, na Inglaterra, e em Lisboa, Portugal, contos como *A Bela e a Fera* e *João e o Pé de Feijão* têm origem na Idade do Bronze. A investigação supõe que os contos orais sejam mais velhos do que os registros literários mais antigos, remontando a 3000 a.C.

Algumas dessas histórias são muito mais antigas do que os primeiros registros literários, e até mais do que a mitologia clássica - algumas versões dessas histórias aparecem em textos gregos e latinos, mas nossas descobertas sugerem que são bem mais antigas do que isso. (TEHRANI, Jamie, 2016)

Uma das características mais marcantes dos contos de fadas é a presença dos seres mágicos, como fadas, anões e bruxas. O termo fada, representação da mulher perfeita que possuía poderes, vem do latim “*fatum*” que representa destino, fatalidade, oráculo. As fadas nada mais eram do que uma representação do bem, e estava ligada aos cultos religiosos, como diz Nelly Novaes Coelho em *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*:

Não há dúvidas que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos. Em grande número de contos irlandeses (de origem celta), a heroína (sempre um ser sobrenatural) aparece como mensagem de Outro Mundo ou surge sob forma de um pássaro (em geral, cisne), que está ligado ao mistério da morte. (COELHO, 2009, p.79)

Em contrapartida, o mal era representado pelas bruxas, que eram mulheres feias, de mais idade, que usavam de poderes sobrenaturais para causar o mal nas heroínas ou heróis. Temos

aí a dualidade da mulher: de um lado a mulher boa representada pela fada, e do outro a maldade representada pela bruxa.

Na citação de Nelly Novaes Coelho temos a menção à civilização Celta. O povo Celta é considerado um povo que utilizava a magia em seu cotidiano. Não se tratavam de um povo guerreiro, sua contribuição era espiritual e religiosa, e sua inteligência era prática e criadora. Eram fundamentados em princípios espirituais e os valores, além de cultuar a imagem da mulher sobre-humana, como as fadas. Porém, nesse período, os contos não eram histórias direcionadas ao público infantil. Eram, na verdade, de interesse dos adultos, pois tinham conotação sexual. Para Coelho, o povo celta talvez tenha sido o povo que mais contribuiu para a criação de histórias maravilhosas, já que o mistério é uma característica desse povo.

Mais de um século separa os contos alemães dos Grimm daqueles descobertos, na França, por Perrault. Entretanto, as inúmeras semelhanças [...] que todos eles apresentam revelam com evidência o fundo comum das fontes, orientais, célticas e europeias, de onde surgiram. (COELHO, 1998, p. 75)

A maioria dos contos inicia de uma forma simples, geralmente com "Era uma vez...", e ao longo da narrativa apresentam um problema ligado à realidade, por exemplo, a inveja da madrasta da Branca de Neve e a carência afetiva de Cinderela. Existe uma busca incansável por resolver os problemas que surgem e, nesse momento, aparecem os seres mágicos: fadas, anões e bruxas más. Esses seres ou ajudam os heróis ou complicam ainda mais a narrativa. E a intenção de toda a história é encontrar uma solução para os problemas, que normalmente são solucionados ao final, onde encontramos um "e viveram felizes para sempre".

O leitor, enquanto lê todas essas reviravoltas, passa a se sentir parte da história, a viver naquele mundo fantástico. O público infantil, principal consumidor do gênero, se delicia com esse faz de conta e acabam dando vazão às suas emoções, pois esse mundo, para elas, pode ser/é real. A imaginação é trabalhada nesse gênero, o criar, inventar e acreditar no que está sendo contado.

Corso (2006, p.303) afirma que:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

Os contos de fadas são ótimos para despertar a imaginação da criança que, ao ouvir ou ler a história, se sente uma princesa, espera seu príncipe, imagina-se em um castelo e, a partir disso, desenvolve seus sentimentos e aprende a lidar com possíveis problemas do dia a dia, como, por exemplo, os desentendimentos com os irmãos, como a Cinderela possuía com suas irmãs e sua madrasta, e a falta de um ente querido, como a mãe da Branca de Neve. Uma história não deve ser explicada, a criança sozinha deve tentar compreender, pois se um adulto explicar não terá nada de mágico, é importante permitir que a criança observe, com seus olhinhos ingênuos e curiosos, o quão maravilhoso é o mundo da fantasia e se imagine vivendo tudo aquilo como se fosse parte dela. A hora do conto deve ser preservada e deve ser algo feito em conjunto, com pais ou professores, e também incentivado para ser feito de forma individual.

Fanny Abromovich, em seu livro intitulado *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices* relata, no início do sétimo capítulo onde é tratado o assunto dos contos de fadas, que o conto *Cinderela*, por exemplo, era contado na China durante o século IX d.C., ou seja, trata-se de um conto remoto que mostra a força do folclore. E segue dizendo:

Haver numa história fadinhas atrapalhadas, bruxinhas que são boas ou gigantes comilões não significa – nem remotamente – que ela seja um conto de fadas... Muito pelo contrário. Tomar emprestado o nome das personagens-chave desses contos não faz com que essas histórias adquiram sua dimensão simbólica... A magia não está no fato de haver uma fada anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas, na sua segurança... (ABRAMOVICH, Fanny, p.121)

Os contos falam de medos, falam de amor, falam das dificuldades, falam da carência, falam de perdas, buscas e autodescobertas. A narrativa inicia com um problema muitas vezes comum, como uma briga com os familiares, e passa por diversos momentos buscando a

solução e, nesse contexto de precisar de ajuda, entram os seres mágicos que encantam e resolvem os problemas de formas simples e objetivas. Os personagens passam por problemas antes de ter um final de feliz, sofrem, sentem medo, se sentem sozinhos. Tudo o que é retratado nos contos gira em torno da realidade do leitor, de coisas que o assustam e isso faz com que leitor e obra se aproximem a ponto de se entenderem e se completarem.

No conto *Peter Pan*, do autor escocês James Barrie, escrito em 1904, por exemplo, temos uma criança que nunca virará um adulto, então foge para a Terra do Nunca a procura de sua juventude eterna. Temos um menino que tem medo de crescer. Ele leva Wendy e seus irmãos para voar para a Terra do Nunca, lhes mostra toda a beleza do local, as sereias, as lutas de espada com piratas, a fada Sininho e ainda lhes diz “Há muitas crianças que não acreditam em fadas. Quando um garoto ou uma garota diz: 'Eu não acredito em fadas' – morre uma fada...”. E, quando Sininho está morrendo faz-se um coral de pessoas dizendo “eu acredito em fadas” e ela volta, porque esse encantamento, essa influência causada nas crianças faz com que elas queiram falar mil vezes que acreditam naquele ser, para fazer parte da história, para salvar uma fada também. No momento em que Wendy e seus irmãos crescem, Peter Pan não aparece mais, pois a crença que eles possuíam quando eram crianças desapareceu.

Cada conto traz um saber novo para uma criança. *Peter Pan* as faz acreditarem em seres que nunca viram, mas sabem que amam; *O Patinho Feio* lembra que elas são lindas apesar de suas diferenças; *João e Maria* lembra os problemas que enfrentamos na vida, e os faz acreditar que tudo ficará bem. A infância é um momento de descoberta, de aprender palavras difíceis, aprender a andar de bicicleta ou nadar, e tudo isso é feito gradativamente, respeitando os limites de uma criança. Os contos reforçam que tudo ficará bem, que, apesar de *Cinderela* ter uma madrasta e duas irmãs muito más, ela conseguiu conhecer o príncipe e foi feliz.

## 2.1 Charles Perrault

Charles Perrault foi um advogado, escritor e poeta francês, nascido em Paris em 12 de janeiro de 1628. Tornou-se conhecido por sua coletânea de textos infantis, chamado *Os contos da mamãe gansa* publicado em 1697. Essa coletânea foi produzida com o intuito de divertir a corte do rei Luiz XIV (1638 – 1715) e não se tratam de contos de sua total autoria, são

narrativas folclóricas contadas por camponeses que serviram de matéria prima. Perrault morreu em 15 de maio de 1703, em Paris.

Nas narrativas de Perrault não há nada de obsceno, incestuoso, canibalismo ou sexo grupal, como os contos originais apresentavam. Perrault filtrou o que colhia e modificou para que fosse possível contar para as crianças e utilizar como um meio de educação.

Foi na França que surgiu o termo “Conte de Fee” que em inglês se tornou “Fairy Tale”.

Perrault buscava retratar as belas paisagens francesas, não possuía muitas fadas em suas histórias, mas sim personagens comuns ao cotidiano da época. Apesar de coletar os relatos dos contos, Perrault alterou-os. A mensagem encontrada era de ensinamentos e orientações.

Perrault foi autor de várias obras, entre elas: *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *Pequeno Polegar*, etc.

Em *O Gato de Botas*, por exemplo, Perrault falou sobre como às vezes o que não gostaríamos que tivesse acontecido acaba não sendo tão ruim assim. Na narrativa, um senhor, pai de três jovens, vem a falecer e deixa para seus filhos o que tem de mais precioso: o mais velho ficou com o moinho; o do meio com o asno; e o mais novo ficou com o gato. O caçula não via vantagem alguma em ter ficado com um gato que não poderia lhe trazer ganho algum, mas então o gato pôs-se a falar e pediu que lhe desse um saco e um par de botas. O gato então traz coelhos para seu amo e, mais adiante, conquista uma grande fortuna tornando seu amo um rei.

Apesar de esse conto de Perrault falar sobre roubos e trapaças, passa também uma ideia de que se temos força de vontade e perseverança tudo é capaz. E, durante a narrativa, encontramos algumas das principais características dos contos do escritor: não há presença de fadas, o mágico fica a cargo do gato que fala, usa botas e traz bens para seu amo, relata as paisagens pelas quais o gato passa em sua jornada. Além disso, a história fala sobre aparências, sobre não se deixar levar pelo que a pessoa aparenta ser. Uma característica marcante de Perrault é que todas as suas histórias trazem uma moral, não apenas implícita no texto, mas trazida em notas de rodapé ou, no caso do livro de Ana Maria Machado, ao final de cada conto.

Nas palavras de Caldin,

Deve-se a Perrault, com sua moral no final das histórias, a crença no valor instrutivo dos contos de fadas, que, na verdade, têm como atrativo maior o apelo permanente, o poder de encantamento e a possibilidade de auxiliar a criança a lidar com seus conflitos internos. (CALDIN, 2009, p.177)

Perrault buscava, a partir de suas histórias, passar uma série de valores, como a luta feminista e a defesa dos direitos intelectuais e sentimentais da mulher, causas que Perrault defendia. Em *Pele de asno*, conto analisado nesse trabalho, percebe-se que Perrault não está apenas preocupado com a literatura direcionada ao público infantil, mas também há a preocupação em fazer uma literatura informativa. Todos os seus contos trazem uma moral útil que ele buscava que fossem internalizadas pelo seu leitor.

## 2.2 Irmãos Grimm

Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) nasceram em Hanau e estudaram Direito, Jacob foi também um linguista fundador da filologia alemã. Porém, começaram a se interessar pela literatura e deixar a advocacia de lado. Em 1830 ingressaram em uma universidade alemã onde foram professores.

Os irmãos Grimm, reconhecidos no final do século XIX depois de Perrault, apenas recolhiam e escreviam as histórias que ouviam de camponeses, amigos e parentes. A intenção dos dois era preservar a história e as tradições populares por meio das histórias que eram contadas oralmente. Ao contrário dos contos de Perrault, os dos Irmãos Grimm não traziam moral da história, provocando a imaginação do leitor até mesmo nesse quesito.

Os Grimm viajaram, em 1800, por toda Alemanha coletando histórias e algumas delas foram relatadas por pessoas próximas, como a mulher de Wilhelm, Dortchen Wild, que contribuiu com 12 histórias, sendo uma delas a de Rumpelstiltskin, um anão que transformava palha em ouro. Já *Branca de Neve*, um grande clássico que foi gravado pela Disney, foi repassada aos irmãos por duas amigas. E a maior parte dos contos, cerca de 200, foi contribuição de uma idosa de nome Dorotea Viehman.

Os primeiros contos de Grimm, publicados em 1812 sendo aproximadamente 51 histórias, levaram o nome de “Contos da infância e do lar”. Nos contos dos irmãos Grimm encontramos muitos anões, fadas, bruxas, lobos, e outras criações do povo camponês. As histórias que chegavam eram normalmente trágicas, e seus finais eram modificados visando os finais felizes.

Os contos mais famosos dos irmãos Grimm são: *A Gata Borralheira*, *Cinderela*, *Branca de Neve*, *Os Músicos de Bremen*, *João e Maria*, entre tantos outros.

Os contos dos Irmãos Grimm são mais fantásticos do que os de Perrault, por exemplo. Neles sempre há bruxas ou fadas e um conflito que deve ser resolvido para que toda ordem retorne. No conto *A Bela Adormecida*, por exemplo, temos muitas questões imaginárias que, juntas, geram um problema que precisa ser resolvido.

A rainha tinha um sonho de ter uma filha e, enquanto se banhava e pensava no assunto, uma rã saltou da água e lhe disse que logo seu desejo seria realizado. Foi feito um grande banquete para comemorar a notícia e foram convidados amigos, parentes e os feiticeiros do reino. Porém, uma feiticeira não foi convidada, pois não havia mais nenhum prato de ouro. O banquete aconteceu e, no final, os feiticeiros concederam suas dádivas a criança que ia nascer. A primeira concedeu virtude, a segunda beleza, a terceira fortuna, e por aí foi até que só faltava uma feiticeira. Nesse momento, a feiticeira que não fora convidada apareceu e disse “Quando a filha do rei fizer quinze anos, espetará o dedo num fuso e cairá morta.” Como ainda faltava uma feiticeira, sua dádiva foi que a menina não morrerá, cairá num sono profundo que durará cem anos. Percebemos que tudo nesse conto é fantástico, há presença de feiticeiras e uma rã que fala com a rainha.

A narrativa segue, o desejo da feiticeira que não foi convidada ao banquete se realizou e a princesa caiu em um sono profundo e, com ela, todo o reino também adormeceu. Tudo no reino respirava, porém não se movia por causa do encantamento. Nasceu ao redor do reino um a cerca viva muito alta e impenetrável, todos que tentavam adentrar no reino ficavam presos nos galhos. Um príncipe chegou à cidade e ficou sabendo da existência desse reino e dessa linda princesa e decidiu tentar entrar no reino e encontrá-la. Acontece que naquele dia completava cem anos que a maldição começou e, dessa forma, a cerca viva começou a se desfazer e foi fácil passar por esse obstáculo. O príncipe entrou no reino e foi a procura da princesa. Viu pessoas e animais se levantarem lentamente. O príncipe chegou onde Rosa de

Urze, nome da princesa, estava deitada e ficou encantado com sua beleza. Aproximou-se e beijou-a.

Percebemos que, se compararmos com as histórias contadas atualmente, não há muita coisa de semelhante. Nas histórias atuais, muito mais romantizadas, a princesa acordaria apenas com um beijo de amor verdadeiro dado por um príncipe valente que adentrou no reino apesar da maldição e encontrou-a. Temos aí uma idealização de um amor maravilhoso e sublime entre dois seres perfeitos.

Torossian diz que “Os aspectos mais agressivos ainda se mostram presentes, personificados principalmente na figura do lobo e da bruxa, porém, ao final, impera a esperança, a confiança na vida e o indispensável final feliz.” (TOROSSIAN, 2009, p. 136)

### 2.3 Hans Christian Andersen

Hans Christian Andersen era filho de sapateiro. Apesar das dificuldades da vida, sempre gostou de ouvir histórias. A infância pobre o fez conhecer as diferenças presentes na sociedade. Em 1816, com a morte de seu pai, precisou abandonar a escola com apenas 11 anos. Aos 14, foi a Copenhague onde trabalhou como ator e bailarino, já que possuía muita aptidão para teatro e literatura. Em 1828 ingressou na universidade e alcançou reconhecimento apenas em 1835 com o romance “O Improvisador”.

Andersen tentava adicionar em suas histórias padrões de comportamento que a sociedade deveria ter, mostrando até mesmo os conflitos entre os ricos e os pobres, os fortes e os fracos. A intenção era, por meio da literatura, tentar conscientizar as pessoas de que todos possuíam os mesmos direitos.

Em 1835 e 1842, Andersen lançou seis volumes de “Contos”. Seus contos escritos chegaram ao número de 156. Andersen faleceu em 1875.

Por ter sido um contribuinte a literatura infantil, o dia de seu aniversário, 2 de abril, é o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil, e o prêmio internacional mais importante leva seu nome, a International Board on Books for Young People (IBBY) premia com uma medalha de nome Hans Christian Andersen os maiores nomes da literatura infanto-juvenil. As suas

principais obras são: *O Soldadinho de Chumbo*, *A Pequena Sereia*, *O Patinho Feio*, entre tantos outros.

#### 2.4 Marina Colasanti

Escritora, jornalista e ilustradora Marina Colasanti, nascida em 26 de setembro de 1937 na cidade de Asmara colônia da Itália, e casada com Affonso Romano de Sant'Anna, veio para o Brasil com 11 anos, desembarcando em 1948 no Rio de Janeiro. cursou, em 1952, pintura na Escola Nacional de Belas Artes. Sua primeira obra, intitulada *Eu Sozinha*, foi lançada em 1968 e, desde então, a autora já publicou mais de 30 livros. Ganhou o Prêmio Jabuti de 1994 de Poesia com seu livro *Rota de Colisão* de 1993, e o Prêmio Jabuti Infantil, com *Ana Z Aonde Vai Você?* Em 2010, recebeu o Prêmio Jabuti pelo seu livro *Passageira em trânsito*.

Colasanti escreve tanto para crianças, quanto para adultos. Em seus textos para literatura adulta, fala sobre fatos cotidianos, sobre a mulher, o amor, a arte e, até mesmo, sobre os problemas sociais brasileiros. Já nos livros destinados ao público infantil, Marina faz um tipo de “contos de fadas” onde preserva elementos das narrativas que remetem à Idade Média, discutindo fatos atuais como a inveja, o egoísmo e as relações humanas. Colasanti é mais lírica nos textos infantis e mais crítica nos direcionados aos adultos.

Nas suas obras, Marina busca colocar um pouco das conquistas das mulheres, tentando sempre mostrar a força do sexo feminino e desmistificar o “sexo frágil”. Nos contos de Marina não há a presença de seres mágicos (bruxas, fadas, duendes), mas são contos de fadas por causa da estrutura de seus contos e de algumas situações fantásticas que eles apresentam, como é o caso do conto analisado nesse trabalho onde a princesa amanhece com barba e, depois, com flores em seu rosto.

Em entrevista ao jornalista Juan Carlos Millán Guzmán, diretor de Artes, Ministério de Cultura, Colasanti deu a seguinte declaração:

En la literatura para niños, gracias al señor Dios, hay espacio para todos: el ogro y el hada madrina, el bueno y el malo, porque se trata de representaciones de los humanos. Al tratarse de representaciones simbólicas, es importante que los sentimientos humanos estén representados en toda su complejidad y no en un sistema binario que termina siendo muy pobre.<sup>1</sup>

Há quem diga que os contos de fadas não possuem mais espaço no mundo atual, já que a literatura e os leitores mudaram muito com o passar dos anos e as fadas e bruxas já não encantam tanto assim. Mas Marina Colasanti não pensa dessa forma, como podemos ver na sua fala a seguir, situada na apresentação de *Uma ideia toda azul*: “Muda a realidade externa. Mas a nossa realidade interior, feita de medos e fantasias, se mantém inalterada. E é com esta que dialogam as fadas interagindo simbolicamente, em qualquer idade, e em todos os tempos.”

Colasanti compreende que, apesar da mudança dos valores, da sociedade, das tecnologias e da vida, a literatura nunca é deixada de lado, pois ela também se reinventa para suprir as necessidades de seu público. O mundo do mágico e do maravilhoso sempre chamará a atenção daqueles que buscam através dos livros a possibilidade de viajar para os mais diversos lugares, conhecer figuras mágicas e viver aventuras inesquecíveis.

---

<sup>1</sup> Na literatura para crianças, graças ao senhor Deus, há espaço para todos: o ogro e a fada madrinha, o bem e o mal, porque se trata de representações humanas. Tratando-se de representações simbólicas, é importante que os sentimentos humanos estejam representados em toda a sua complexidade e não em um sistema binário que termina sendo muito pobre.

### 3 ANÁLISE DOS CONTOS

A análise dos contos se dará a partir do entendimento de que os autores estão falando sobre dois temas: a vida da mulher e o relacionamento homem, mulher e patriarcado. Serão usados trechos das obras para confirmar as teorias estudadas nos capítulos anteriores.

Os dois contos são como contos de fadas: “Os reinos mágicos, territórios de sonho e fantasia, pertencem a histórias de domínio comum, chamadas contos de fadas. Nem todas essas histórias possuem fadas, mas há sempre feitiços, ajuda mágica, encantamentos ou algum tipo de elemento fantasioso” (GOMES; 2000, p. 117)

Os contos de fadas são narrativas mágicas que acontecem em mundos maravilhosos, possíveis de se encontrar apenas nos livros. Os personagens principais geralmente são: princesas, reis, anões, gigantes, enquanto os personagens secundários são: a madrasta, os pais, os avós, e objetos mágicos (espelhos, vassouras). Na trama, a bondade sempre triunfa contra a maldade. Há um momento de total desespero, onde a princesa não sabe o que fazer, mas logo aparece um príncipe que a salva.

A estrutura se mantém nos contos mais antigos, como é o caso do conto *Pele de Asno*, e é trazida para a atualidade, no conto *Entre a espada e a rosa*. O mágico permanece, percebemos a existência de personagens principais e secundários, há a presença de um protagonista que necessita se afastar de sua casa e, ao final, há a intervenção de outro personagem que vem para apaziguar.

#### 3.1 Conto: *Entre a espada e a rosa*

Marina Colasanti faz com que os contos de fadas cheguem até o século XXI com os ensinamentos e encantos dos contos coletados pelos Irmãos Grimm, Perrault e tantos outros. Suas histórias perpassam pelo mundo do mágico, sem a presença de fadas ou bruxas e nos apresentam finais felizes ou não. Colasanti não se limita a um público. Seus contos podem ser lidos tanto por crianças, quanto por adultos. Todos os elementos possuem um simbolismo, ou seja, um motivo para estar representado daquela forma naquela parte da história. Isso pode ser

identificado por um adulto, e não por uma criança. Cada faixa etária possui uma forma de entendimento da leitura feita. Isso torna os contos de fadas incríveis.

No caso do conto analisado neste trabalho, intitulado *Entre a espada e a rosa*, temos como personagem principal uma princesa que, como os costumes mandavam, havia sido prometida por seu pai em casamento a um príncipe das fronteiras do Norte. O casamento traria fortuna para o reino, e a princesa não tinha alternativa, se não aceitar o seu destino. O fato mágico do conto acontece quando a princesa se recolhe em seu quarto e se põe a chorar, pedindo, suplicando ao seu corpo e sua mente que a ajudassem. E, como fala no conto “*E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou*”. Quando o dia amanhece a princesa se depara com uma barba ruiva em seu rosto, fruto de sua prece. A barba faria com que a decisão do pai fosse aniquilada, já que o príncipe não se encantaria por uma mulher com barba.

Ao final do conto, as súplicas da princesa são refeitas, afinal ela encontrou um príncipe a quem ama e ele não a amará se ela permanecer com barba. Seu pedido é novamente atendido, e de manhã há flores no lugar dos fios. Não é satisfatório, afinal ela ainda é diferente. Mas isso muda na próxima noite.

Uma após a outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. Sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher.

A princesa como podemos ver no início do conto, obedece as ordens de seu pai, não tem voz. O ato da princesa de se rebelar contra a decisão de seu pai é um ato ponderador e extremamente corajoso. Apesar de ser uma princesa criada dentro do castelo, sem qualquer possibilidade de fazer suas escolhas, saiu de sua zona de conforto e foi atrás de uma solução para o seu problema. Não precisa da ajuda de um homem. Ela sai a procura de seu destino, vira uma guerreira e encontra o amor verdadeiro.

Esse conto de Marina Colasanti fala de amor próprio, de não aceitar as decisões que são impostas para as mulheres, não aceitar o patriarcado e lutar pelo que acha certo, mais ainda quando o certo diz respeito à vida da princesa. Os contos de fadas antigos falam de amor entre príncipes e princesas, de finais felizes, como é o caso do conto analisado inicialmente, mas Marina Colasanti não se detém apenas aos contos com finais esperados.

A figura feminina sempre faz muitos sacrifícios, em prol da família e do “amor”. Nas obras de Colasanti temos princesas decididas, corajosas e sempre buscando trilhar seu caminho da forma como elas quiserem. Vemos no texto a trajetória de uma mulher, inicialmente submissa aos comandos de seu pai, vivendo enclausurada em um castelo sem

qualquer possibilidade de fazer suas próprias escolhas. Depois, possui mais um “dono”, seu marido, cujo é escolhido por seu pai. No conto há uma reviravolta, pois a princesa não aceita receber ordens de seu pai apenas por ter nascido mulher, e quando suas suplicas são ouvidas a agora não mais princesa e sim mulher dona de seus desejos, sai do castelo em busca de sua felicidade. O conto ainda é muito atual, pois as mulheres mesmo no século XXI ainda não mandadas por seus pais e esposos, continuam a obedecer ordens, cuidar da casa, dos filhos, muitas não trabalham fora já que seus companheiros não permitem. O papel da mulher na sociedade é muito abordado nas narrativas de Colasanti, e sempre é uma temática muito atual.

O mágico se manifesta no conto a partir das mudanças ocorridas no rosto da princesa, como percebemos no trecho *“Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido.”* A princesa, receosa da decisão de seu pai, desejou que algo fosse feito para impedir o casamento, e a magia aconteceu. Não há seres mágicos no conto, há apenas a aparição da barba e, na sequência, de flores: *“Viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo.”* As flores surgiram depois de um pedido da princesa e, depois, as pétalas foram caindo e devolvendo o belo rosto da princesa.

Percebemos que o conto não começa com “Era uma vez”, Colasanti optou por iniciar o conto com uma indagação ao leitor *“Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz “quero”?”* A partir dessa pergunta todo o conto é desenvolvido. A resposta dessa pergunta mostra a cultura patriarcal da época: *“A hora que o pai escolhe.”*

Uma característica que Colasanti mantém dos contos antigos é o ambiente. As histórias se passam em castelos, com princesas e reis, mas com uma pitada de modernidade, já que a princesa presente no conto rompe com as tradições, não aceitando sua função e seu lugar na sociedade. Como podemos ver na citação abaixo:

E guerreiro valente tornou-se, à medida que servia aos Senhores dos castelos e aprendia a manejar as armas. Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome.

Colasanti nos apresenta uma princesa diferente ou talvez a mesma princesa que todos os outros contos, mas nesse necessita sair de perto de tudo o que conhece e o medo do desconhecido a faz mudar completamente. A princesa fraca e dependente se transforma em um guerreiro respeitado em outros reinos.

### 3.2 Conto: *Pele de Asno*

O segundo conto a ser analisado é de Charles Perrault, conhecido como “o pai da literatura infantil”. Trata-se de um conto mais antigo e pouco conhecido, por ser diferente dos demais contos de fadas, já que possui uma conotação sexual e incestuosa. *Pele de Asno* foi publicado em 1694 em forma de panfleto.

Assim como o conto de Colasanti, *Pele de Asno* trás uma princesa corajosa e ativa, que não aceita as ordens de seu pai (nesse caso, incestuosas) e vai em busca de sua felicidade, fugindo do reino e do conforto da realeza. O conto põe em questionamento a relação pai e filha, a forma como a mulher precisa se submeter aos caprichos dos homens, e também mostra como é possível dizer “não” e seguir o seu coração em busca da felicidade.

Temos nesse conto algumas características reconhecíveis: a princesa que possui uma beleza incomparável, uma mulher (nesse caso, mais velha) que a ajuda a escapar do castelo onde corre perigo e, no final do conto, a princesa encontra um belo príncipe com quem se casa. Mas há uma diferença impactante no conto. A personagem que normalmente persegue a princesa é a madrasta, como na Branca de Neve, ou uma bruxa, como em Cinderela, mas nesse caso há o desejo incestuoso de um pai que fez um juramento no leito de morte de sua mulher de que se casaria novamente com uma mulher mais bela do que ela.

A forma como Perrault começa o conto já nos mostra uma forma de criticar o rei, pois ele era um rei boníssimo, que o povo amava e os vizinhos respeitavam. Há um exagero nos elogios ao rei que casou com uma princesa linda e virtuosa, que lhe deu uma única filha, tão bela quanto. Nesse primeiro parágrafo temos apenas elogios e um cenário de perfeição. E, além de uma vida perfeita em um reino sem problemas, o rei ainda possuía um asno que todas as manhãs lhe dava moedas de ouro.

Com a morte da rainha e o pedido feito, o rei iniciou a busca pela princesa mais bonita de todas e, certo dia se deu por conta de que essa princesa era a sua filha. No conto há a seguinte passagem “O rei [...] como já não estava muito no seu juízo perfeito, começou a sentir pela filha um amor profundo e forte, que não se assemelhava ao amor paterno.” (p. 35) Warner diz que esse tipo de conto onde havia um pai incestuoso foi aceito até o século XVIII, mas depois disso passou a ser questionado e a história sofreu mudanças. É importante ressaltar que o conto analisado foi publicado em 1694 e nessa época não havia discussões sobre sexo e sexualidade, e o casamento se tratavam de uma relação de interesse e não necessariamente de prazeres sexuais.

O desejo do rei não era exatamente em sua filha, mas em manter-se no poder e fazer com que o reino prospera-se,

Os ministros disseram que a beleza era algo supérfluo, e que para o bem do reino bastava uma rainha virtuosa e fértil, que lhe desse muitos filhos homens e, assim, tranquilizasse o povo quanto a sucessão. Também disseram que a princesa real tinha todos os atributos para se tornar uma grande rainha, mas, por ser mulher, logo se casaria com um príncipe estrangeiro, o que poria em risco a coroa, já que o rei não tinha filhos que lhe sucedessem.

Como vemos na passagem acima, as ações do rei eram movidas pelo poder, pela preocupação na chegada de um príncipe que pudesse levar embora sua filha e, assim, a coroa estaria em risco. A história é baseada na ganância, na necessidade de fazer o que é preciso para se manter no poder, e não o correto.

Como já mencionado anteriormente, uma das características dos contos de fadas é a questão mágica. Em alguns contos essa magia se manifesta a partir da aparição de seres fantásticos, como fadas, elfos e bruxas. No caso do conto *Pele de Asno* temos a figura de um animal que dá ainda mais riquezas para o rei, aumentando sua fortuna e alimentando a ganância. Outra característica apresentada anteriormente que pode ser comprovada no texto de Perrault é a forma como o conto inicia, com “Era uma vez”, dando espaço para a imaginação, transportando o leitor para uma terra longínqua e maravilhosa. Há também o exagero de qualidades ao rei que nos passa a imagem de um rei incrível.

Era uma vez um boníssimo rei, a quem o povo muito amava e os vizinhos muito respeitavam, sendo por isso o rei mais feliz do mundo. Além do mais, ele teve a sorte de casar-se com uma princesa linda e igual virtuosa que lhe deu apenas uma filha, porém tão encantadora, que os pais viviam num verdadeiro êxtase.

Outra característica que é confirmada no texto é a questão patriarcal. A figura feminina sempre obedeceu a ordens vindas do pai, que é o chefe da família e, por ser homem, o detentor da sabedoria. A princesa retratada no conto não é uma mulher adulta, ela é uma adolescente. A visão de um pai bondoso e amável é completamente destruída quando aparece o desejo incestuoso. A jovem precisa se afastar de tudo o que conhece para fugir de algo que sabe ser imoral. Ao fugir do reino, a princesa usa a pele do asno para se esconder e não ser reconhecida, e temos aí uma forma de “morte” da personagem, de abatimento, pois a princesa prefere viver sem luxo a se submeter aos desejos de um rei, não mais seu pai, desesperado. Além da pele, na cena em que a princesa está fugindo é contado que ela também se encobre

com sujeira, buscando também esconder seus traços que não eram de camponesa e, também, encobrir um rosto pecador que despertou em uma pessoa da sua família um desejo impuro.

Diana Corso e Mario Corso analisam a princesa do conto *Pele de Asnoe Bicho Peludo* da seguinte forma: “(...) Elas venceram a contenda pelo amor do pai que outras, como Cinderela e Branca de Neve, perderam. E mais, o pai afirma que mulher alguma chegará aos seus pés, afinal, a mãe maravilhosa e agora morta foi não só representada, mas superada por uma versão melhorada, rejuvenescida, que é a filha.” (CORSO Diana; CORSO Mario, 2006, p. 98). Percebe-se que os autores fazem menção a *Branca de Neve* que foi deixada de lado e seu lugar foi tomado pela madrasta que se mostrou ser uma bruxa. Enquanto em *Pele de Asno* há o amor mal intencionado de um pai desesperado por poder e pelo sofrimento de ter perdido sua esposa, em *Branca de Neve* há a falta do amor paterno que a levou a ter de fugir de casa com medo da morte.

Porém, o mais poderoso e magnificente era o pai da princesa, que, para alegria geral, havia esquecido aquele amor impossível e descabido e se havia casado com uma bela rainha viúva, com a qual não teve filhos. A princesa assim que o viu, correu ao seu encontro, e ele logo a reconheceu e a beijou ternamente, antes que ela pudesse ajoelhar-se aos seus pés.

O trecho acima é final do conto, onde Perrault mostra ao leitor que há um fator muito importante na nossa vida: o tempo. Com o passar do tempo, o amor incestuoso que o rei sentia some e dá espaço ao amor fraternal. O rei pede desculpas pela sua conduta e casa-se novamente.

Em contos como *Cinderela* onde a princesa sofre pela ausência do amor fraterno, já em *Pele de Asno* podemos dizer que a princesa sofre o contrário, sofre com o excesso descabido desse amor que acaba sendo interpretado de forma equivocada. O que faz de *Pele de Asno* um conto diferenciado não é apenas a temática que ele aborda, mas a forma como a princesa reage aos desejos de seu pai, se impondo e mostrando que a mulher possui entendimento, não é frágil, não é propriedade dos pais. A busca pelo amor verdadeiro permanece, mas vem do interesse da princesa que acredita ser a única responsável pelo seu futuro e pela sua felicidade. Não temos uma princesa submissa nesse conto, temos uma princesa com ideais e com personalidade forte que não se deixou ser mandada pelo o que se acreditava ser correto. O amor vem, mas no momento em que tem de vir.

### 3.3 A figura feminina

A questão de gênero trata-se de uma construção social e cultural advinda dos tempos mais remotos, onde havia o entendimento de que a figura do sexo feminino era mais frágil e menos valente do que a figura masculina. Levando em consideração a premissa de que a arte imita a vida, os textos literários sempre adotaram os pensamentos de época e, dessa forma, encontramos muitos textos onde a mulher é vista de forma submissa, sem qualquer controle sobre sua vida e suas decisões.

O primeiro filme a ser lançado pela Walt Disney foi *A Branca de Neve e os Sete Anões*, em 1937, e apresentava uma linda menina que é amaldiçoada por sua madrasta má e volta à vida depois de ganhar um beijo de amor verdadeiro de um belo príncipe, por quem se apaixona. Essa princesa frágil aparece nos mais diversos filmes da Disney e são adaptações dos contos dos Irmãos Grimm, Perrault e Andersen. Essa ideia de princesa indefesa ficou na cabeça das pessoas por muitos anos, e se criou o entendimento de que a mulher precisa do homem e sua única serventia é no ambiente doméstico.

Estamos falando de princesas belíssimas, muito gentis e amadas por todos, ou quase todos, já que sua beleza (interior e exterior) sempre incomodava uma pessoa que as invejava. A mulher, na perspectiva dos contos de fadas, deveria ser uma mulher dócil, generosa, sorridente, bela e jovem. Nada diferente da mulher da Idade Média, por exemplo. Criou-se um estereótipo de mulher perfeita e de bruxa má, apenas esses dois extremos.

Usemos como exemplo o conto *Cinderela*, que é sobre uma mulher loura, de olhos claros e ocupa uma posição inferior na casa de sua madrasta. Mas, com a ajuda de uma fada madrinha, Cinderela ganha a chance de ter uma noite incrível no castelo de um príncipe que está a procura de uma esposa. O príncipe se apaixona por Cinderela e eles vivem felizes para sempre. Há barreiras no percurso da princesa, mas a ajuda da fada madrinha faz com que seja possível perpassá-las e ter o seu final feliz. Esse tipo de princesa, apesar de ainda ser muito querido pelos leitores e telespectadores, passou a ser questionado e criaram-se “princesas” como *Mulan*. *Mulan* é uma guerreira chinesa que renegou seu papel de dona de casa e mãe e optou por ir à guerra em defesa de seu povo. Ela se opõe completamente ao modelo de princesa que a Disney buscava implantar, apresentando aos consumidores desse tipo de gênero textual outra forma de ver a figura feminina.

A partir da disseminação dos movimentos sociais femininos, os contos de fadas precisaram se reinventar, então a figura da mulher foi sendo modificada buscando ficar mais próxima da realidade e deixar de lado os exageros das princesas maravilhosas. Apesar disso,

muitas das princesas atuais ainda seguem a risca os ensinamentos patriarcais e reforçam a concepção de “final feliz”, mas já se percebe pequenas, porém consideráveis, mudanças nas princesas contemporâneas que tentam mudar alguns conceitos já definidos, como, por exemplo, a necessidade de a mulher ser esposa e mãe, apenas.

Princesas como Merida (do filme *Valente*, 2012) e a nova *Rapunzel* apresentada no filme *Enrolados*, 2010, são princesas fortes e independentes que não apenas sofrem as consequências da narrativa, mas buscam direcionar os acontecimentos. Além disso, Merida é uma princesa diferente dos padrões até então impostos nos contos, onde a princesa é loura e meiga. A protagonista do filme *Valente* é, como o nome do filme já diz, uma princesa valente de cabelos ruivos e gostos peculiares. Seu hobby é o arco e flecha e seu desejo é lutar por seu reino.

Voltemos um pouco na história para entender a figura feminina. A mulher leitora teve início junto ao nascimento da modernidade, sua presença como leitora só passou a ser notada com o surgimento da imprensa e o fortalecimento da escola. Antes de a mulher poder receber educação, ela era apenas preparada para os trabalhos domésticos, isso em meados do século XVII, porém a burguesia começou a questionar essa condição, a partir daí iniciou-se uma reforma na educação. As primeiras escolas eram coordenadas pela igreja. Com a reforma na educação, a literatura carece de mudanças, pois agora havia um público feminino. As mulheres, então, passam a serem as maiores consumidoras de literatura, já que sua participação na vida pública era proibida.

Nas palavras de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996):

A partir do século XVIII, a questão da educação feminina acrescenta peso econômico à sua já notória dimensão ética, ao gerar virtuais consumidoras de literatura. E ressoa ideologicamente, ao tornar-se matéria de discussão o tipo de literatura a ser destinado ou absorvido pelo ascendente público de saias. Condenam-se os gêneros e preferências, por produzirem efeitos supostamente deletérios; e acusa-se de vicioso o gosto de ler, por desviar a mulher das tarefas domésticas. (p. 238)

O fato da mulher se tornar leitora começou a incomodar os maridos e pais, pois o que elas liam nas narrativas românticas e de aventura tomavam muito tempo das mulheres e faziam com que elas conhecessem um mundo diferente, com protagonistas que viviam relacionamentos proibidos. Enquanto as grandes editoras lucravam, as famílias entravam em colapso.

Os contos de fadas foram desenvolvidos seguindo um ideal de comportamento que representava a forma de pensar da época. Em suma, a figura feminina apresenta comportamentos que eram esperados das mulheres (submissão, humildade) e os ideais que a sociedade pregava (paternalismo, a conquista dos bens materiais). Essas narrativas são extremamente comuns no século XVII, mesmo século em que a mulher leitora foi ganhando espaço.

Segundo Mendes (1999, p. 125) o motivo para que as mulheres fossem representadas dessa forma “está na relação dos contos com os mitos, que, por sua vez, se originaram de rituais praticados nas comunidades primitivas. Nelas, as mulheres tinham um papel social importante de sacerdotisa e as divindades eram femininas”. As histórias sempre desenham o perfil de uma mulher ideal que está à espera de seu príncipe encantado. Levando em consideração que a sociedade, bem como o momento histórico influencia muito na narrativa, pode-se dizer que a mulher dos contos nada mais é do que um modelo passado para as crianças do que é certo, do que deve ser seguido. Como um manual de instruções que precisava ser decorado se a intenção era ser uma mulher feliz, que, nos padrões da época, significava ter um bom casamento (com um homem de posses) e filhos.

O estereótipo da princesa frágil à espera de um homem que muda a sua vida faz com que haja desigualdade entre os sexos. A mulher nada mais é do que um acessório na narrativa. As histórias mais antigas trazem princesas sem voz, que são reconhecidas por sua beleza e doçura. A cultura é exerce um poder enorme na construção da identidade feminina, afinal vivemos em uma sociedade onde a mulher realmente é vista como a dos contos de fadas, uma mulher que deve ser submissa, que foi feita para ser mãe e dona de casa.

A partir da década de 70 as mulheres começam a ter voz e passam a não mais aceitar serem oprimidas e submissas. Isso se deu com o episódio da “queima dos sutiãs” em 7 de setembro de 1968 na cidade de Atlantic City, EUA. Um grupo de ativistas buscava o fim da exploração comercial contra as mulheres, e aproveitou um concurso de beleza para reivindicar a forma como a mulher era vista. Apenas na década de 90 a imagem da mulher começa a ser desvinculada ao do homem, e as mulheres passam a ocupar uma posição de destaque, deixando de lado a aparência e quebrando os estereótipos anteriores.

Marina Colasanti faz um trabalho criativo e inspirador nas suas narrativas infantis e juvenis. Em suas obras há uma redefinição do papel da mulher. Colasanti busca a diversidade,

ignorando a estética da mulher e preferindo sempre mostrar o lado forte e guerreiro que a mulher possui, mas que não era explorado anteriormente.

Segundo Lúcia Zolin (2009):

Nas últimas décadas, muitas facções da crítica literária têm definido a necessidade de se considerar o texto literário em relação ao contexto em que o mesmo se encontra inserido, por considerarem que, de alguma forma essas instâncias estão irremediavelmente interligadas. No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão se deve muito ao feminismo, que colocou em evidência as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. (p. 51)

Como já mencionado, a sociedade influenciava na literatura, e a posição da mulher nesse primeiro momento era restrito aos afazeres domésticos. Com o início da crítica feminista a partir do século XX, a mulher passou a ter mais voz e isso reflete também na literatura. Nesse momento a mulher, até então submissa, passa a ter participação ativa e influenciar nos rumos da história.

A mulher da idade média era considerada mais fraca e impura, feita apenas para procriar. Não há documentos que possam nos contar como as mulheres pensavam nessa época, os escritos femininos são extremamente raros. Apenas no final do século XIV começou a haver cartas, poemas e documentos escritos por mulheres, mas mesmo assim são muito poucos. A honra da mulher é ligada diretamente a castidade, afinal a mulher deveria ser completamente pura para ser digna de receber um homem. A mulher era completamente dominada pelo sexo masculino, e havia a crença de que sem o homem elas nada eram.

Com Marina Colasanti já vemos que os contos começaram a deixar de lado o estereótipo de princesa frágil, mas há um longo percurso a ser percorrido. A mulher deve ser vista não apenas como mãe, mas como contribuinte da sociedade em que vive. Já que os contos retratam as vivências das pessoas da época em que ele foi produzido, tem-se esperança de que esses novos contos de fadas com mulheres empoderadas sejam cada vez mais constantes.

## CONCLUSÃO

O ato de contar histórias acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos, e as versões dessas histórias são modificadas visando o público. A análise dos contos de Marina Colasanti e Perrault apresentou as peculiaridades presentes no gênero contos de fadas que, muitas vezes, passam percebidas. O gênero trabalha com temáticas como: rejeição, rivalidade, insegurança, entre tantos outros que seguem o leitor ao longo da sua vida, fazendo com que quem está lendo se sinta mais próximo.

O estudo de *Entre a espada e a rosa* de Marina Colasanti permitiu observar o mágico, o improvável, além de nos mostrar as angústias da princesa, o lado real de uma pessoa. Já *Pele de asno* de Perrault nos permitiu perceber como os primeiros contos de fadas eram perpassados pela sexualidade e pelo interesse em acumular bens materiais. Os contos apresentam de forma muito simples a moralidade do povo da época em que foram escritos ou coletados, e nos mostram que as crianças não eram vistas da forma como hoje são.

O trabalho apresentado alcançou o objetivo proposto que era analisar dois contos de fadas, sendo um moderno e um tradicional, ressaltando as diferenças entre os dois contos. Além de apresentar princesas fortes, diferentes dos estereótipos dos primeiros contos de fadas conhecidos. Esse trabalho buscou mostrar a força da personagem feminina e exalta-la.

Durante a realização das pesquisas necessárias para a realização desse trabalho, me deparei com muitas outras questões que me interessaram e que poderiam ser futuras pesquisas. Como é o caso do estudo das adaptações cinematográficas dos mais variados contos e o motivo dessas adaptações terem sido reinventadas depois de um tempo. Usemos como exemplo o filme *Rapunzel* que foi reformulado e se tornou o filme *Enrolados*, em 2010. A necessidade de reformulação se dá a partir da premissa de que os leitores e telespectadores mudam então o produto deve também ser modificado. O estudo dessas mudanças é imprescindível para o profissional de literatura, pois a partir das mudanças na sociedade, a literatura muda. Compreender esse avanço é compreender os alunos que encontraremos em sala de aula e conseguir formular formas de lidar com os mais diversos assuntos relacionados ao mundo literário e os novos leitores.

A realização desse trabalho foi engrandecedora e só aumentou em mim a vontade de seguir pesquisando sobre o assunto com a intenção de sempre saber mais sobre o mundo mágico dos contos de fadas. Sendo assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados e fica agora o desejo de seguir nessa linha de pesquisa.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. Editora Scipione: São Paulo, 1989.

INFO ESCOLA. *Biografia: Marina Colasanti*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/marina-colasanti/>> Acesso em: 12 de maio de 2016.

BRASIL ESCOLA. *Marina Colasanti*. Disponível em: <<http://vestibular.brasilecola.uol.com.br/resumos-de-livros/marina-colasanti.htm>> Acesso em: 12 de maio de 2016.

BOSI, Alfredo. *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. Editora Cultrix: São Paulo, 1972.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976. p.348 .

CORSO, D. L. e CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COLASANTI, Marina. *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento*. 12ª ed. Global Editora: São Paulo, 2006.

COLASANTI, Marina. *SITE PESSOAL*. Disponível em: <<http://www.marinacolasanti.com/>> Acesso em: 12 de maio de 2016.

COLASANTI, Marina. *Entre a espada e a rosa*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1992. 7º e.d.

FOLHA DE SÃO PAULO. *A literatura do conflito: Moacyr Seliar fala sobre seus “Contos Reunidos”*. São Paulo, 4 de maio de 1996. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/04/mais!/17.html>> Acesso em: 19 de maio de 2016.

INFO ESCOLA. *Mito ou lenda?* Disponível em: <<http://www.infoescola.com/redacao/mito-ou-lenda/>> Acesso em: 30 de maio de 2016.

INFO ESCOLA. *Escritores da Literatura de fadas*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/literatura/escritores-da-literatura-de-fadas/>> Acesso em: 16 abr. 2016.

INFO ESCOLA. *Literatura infantil*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/>> Acesso em: 16 abr. 2016.

JOSEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Livraria Francisco Alves Editora SA: Rio de Janeiro, 1986.

LAJOLO, Marisa ; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996

MACHADO, Ana Maria. *Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros*. ZAHAR: Rio de Janeiro, 2010.

MENDES, Mariza. *Em busca dos contos perdidos; O significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora da UNESP / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

NELLY NOVAES COELHO. *O conto de fadas*. 3 ed. Série Princípios. Editora Ática: São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *O conto de fadas*. Símbolos, mitos e arquétipos. Editora Paulinas: São Paulo, 2008.

REVISTA EDUCAÇÃO. *Quem quiser que conte outra*. Editora Abril, 2000.

ROSA, Andressa Vieira da. *Destecendo fadas: a subversão do conto de fadas tradicional em A moça tecelã de Marina Colasanti*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Monografia, licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Cia*. São Paulo: Ática, 1985.

SCHNEIDER, Raquel E. F.; TOROSSIAN, Sandra D. *Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n.2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 4{e.d. Editora Perspectiva: São Paulo, 2010.

UOL. *História Viva. Dossiê mulheres na Idade Média: resistência feminina*. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/dossie\\_mulheres\\_na\\_idade\\_media\\_resistencia\\_feminina.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/dossie_mulheres_na_idade_media_resistencia_feminina.html)> Acesso em: 21 mar. 2017.

UOL. *Contos de fadas tem origem na pré-história, diz pesquisa*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/bbc/2016/01/20/contos-de-fadas-tem-origem-pre-historica-diz-pesquisa.htm>> Acesso em: 13 de maio de 2016.

UOL EDUCAÇÃO. *Biografia: Hans Christian Andersen*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/hans-christian-andersen.htm>> Acesso em: 16 abr. 2016.

VICENTE, Eliane Pereira. *O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm*. Florianópolis: 2014. Universidade Federal de Santa Catarina.

VIES, O. Jornalismo e contrapelo. *Elas querem queimar os sutiãs e muito mais*. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/colaboradores/2012/09/elas-querem-queimar-o-sutia-e-muito-mais/>> Acesso em: 21 mar. 2017.

WARNER, Marina. *Da fera à loira. Sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONICCI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

## ANEXO 1

### ***Conto Entre a espada e a rosa de Marina Colasanti.***

Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz "quero"? A hora que o pai escolhe. Isso descobriu a Princesa na tarde em que o Rei mandou chamá-la e, sem rodeios, lhe disse que, tendo decidido fazer aliança com o povo das fronteiras do Norte, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha frente aos soldados que traria para o reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Estivesse pronta, pois breve o noivo viria buscá-la.

De volta ao quarto, a Princesa chorou mais lágrimas do que acreditava ter para chorar. Embotada na cama, aos soluços, implorou ao seu corpo, a sua mente, que lhe fizesse achar uma solução para escapar da decisão do pai. Afinal, esgotada, adormeceu. E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou. E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido.

Passou os dedos lentamente entre os fios sedosos. E já estendia a mão procurando a tesoura, quando afinal compreendeu. Aquela era a sua resposta. Podia vir o noivo buscá-la. Podia vir com seus soldados, suas ovelhas e suas moedas. Mas, quando a visse, não mais a quereria. Nem ele nem qualquer outro escolhido pelo Rei. Salva a filha, perdia-se, porém a aliança do pai. Que tomado de horror e fúria diante da jovem barbada, e alegando a vergonha que cairia sobre seu reino diante de tal estranheza, ordenou-lhe abandonar o palácio imediatamente.

A Princesa fez uma trouxa pequena com suas joias, escolheu um vestido de veludo cor de sangue. E, sem despedidas, atravessou a ponte levadiça, passando para o outro lado do fosso. Atrás ficava tudo o que havia sido seu, adiante estava aquilo que não conhecia.

Na primeira aldeia aonde chegou, depois de muito caminhar, ofereceu-se de casa em casa para fazer serviços de mulher. Porém ninguém quis aceitá-la porque, com aquela barba, parecia-lhes evidente que fosse homem.

Na segunda aldeia, esperando ter mais sorte, ofereceu-se para fazer serviços de homem. E novamente ninguém quis aceitá-la porque, com aquele corpo, tinham certeza de que era mulher.

Cansada, mas ainda esperançosa, ao ver de longe as casas da terceira aldeia, a Princesa pediu uma faca emprestada a um pastor, e raspou a barba. Porém, antes mesmo de chegar, a barba havia crescido outra vez, mais cacheada, brilhante e rubra do que antes.

Então, sem mais nada pedir, a Princesa vendeu suas joias para um armeiro, em troca de uma couraça, uma espada e um elmo. E, tirando do dedo o anel que havia sido de sua mãe, vendeu-o para um mercador, em troca de um cavalo.

Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria mais homem, nem mulher. Seria guerreiro.

E guerreiro valente tornou-se, à medida que servia aos Senhores dos castelos e aprendia a manejar as armas. Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome.

Pouco se demorava em cada lugar. Lutava cumprindo seu trato e seu dever, batia-se com lealdade pelo Senhor. Porém suas vitórias atraíam os olhares da corte, e cedo os murmúrios começavam a percorrer os corredores. Quem era aquele cavaleiro, ousado e gentil, que nunca tirava os trajes de batalha? Por que não participava das festas, nem cantava para as damas? Quando as perguntas se faziam em voz alta, ela sabia que era chegada a hora de partir. E ao amanhecer montava seu cavalo, deixava o castelo, sem romper o mistério com que havia chegado.

Somente sozinha, cavalgando no campo, ousava levantar a viseira para que o vento lhe refrescasse o rosto acariciando os cachos rubros. Mas tornava a baixá-la, tão logo via tremular na distância as bandeiras de algum torreão.

Assim, de castelo em castelo, havia chegado àquele governado por um jovem Rei. E fazia algum tempo que ali estava.

Desde o dia em que a vira, parada diante do grande portão, cabeça erguida, oferecendo sua espada, ele havia demonstrado preferi-la aos outros guerreiros. Era a seu lado que a queria nas batalhas, era ela que chamava para os exercícios na sala de armas, era ela sua companhia preferida, seu melhor conselheiro. Com o tempo, mais de uma vez, um havia salvo a vida do outro. E parecia natural, como o fluir dos dias, que suas vidas transcorressem juntas.

Companheiro nas lutas e nas caçadas, inquietava-se, porém o Rei vendo que seu amigo mais fiel jamais tirava o elmo. E mais ainda inquietava-se, ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que um homem

sente por um homem. Pois não podia saber que à noite, trancado o quarto, a princesa encostava seu escudo na parede, vestia o vestido de veludo vermelho, soltava os cabelos, e diante do seu reflexo no metal polido, suspirava longamente pensando nele.

Muitos dias se passaram em que, tentando fugir do que sentia, o Rei evitava vê-la. E outros tantos em que, percebendo que isso não a afastava da sua lembrança, mandava chamá-la, para arrepende-se em seguida e pedia-lhe que se fosse. Por fim, como nada disso acalmasse seu tormento, ordenou que viesse ter com ele. E, em voz áspera, lhe disse que há muito tempo tolerava ter a seu lado um cavaleiro de rosto sempre encoberto. Mas que não podia mais confiar em alguém que se escondia atrás do ferro. Tirasse o elmo, mostrasse o rosto. Ou teria cinco dias para deixar o castelo.

Sem resposta, ou gesto, a Princesa deixou o salão, refugiando-se no seu quarto. Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a quereria como guerreiro, com seu corpo de mulher. Chorou todas as lágrimas que ainda tinha para chorar. Dobrada sobre si mesma, aos soluços, implorou ao seu corpo que lhe desse uma solução. Afinal, esgotada, adormeceu.

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo brotou. E ao acordar de manhã, com os olhos inchados de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Não ousou levar as mãos ao rosto. Com medo, quanto medo! Aproximou-se do escudo polido, procurou seu reflexo. E com espanto, quanto espanto! Viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo.

Naquele dia não ousou sair do quarto, para não ser denunciada pelo perfume, tão intenso, que ela própria sentia-se embriagar de primavera. E perguntava-se de que adiantava ter trocado a barba por flores, quando, olhando no escudo com atenção, pareceu-lhe que algumas rosas perdiam o viço vermelho, fazendo-se mais escuras que o vinho. De fato, ao amanhecer, havia pétalas no seu travesseiro.

Uma após a outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. Sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher.

Era chegado o quinto dia. A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo.

## ANEXO 2

### **Conto *Pele de asno* de Charles Perrault.**

Era uma vez um boníssimo rei, a quem o povo muito amava e os vizinhos muito respeitavam, sendo por isso o rei mais feliz do mundo. Além do mais, ele teve a sorte de casar-se com uma princesa linda e igual virtuosa que lhe deu apenas uma filha, porém tão encantadora, que os pais viviam num verdadeiro êxtase.

No palácio real, havia abundância de tudo e muito bom gosto. Os ministros eram muito sagazes e habilidosos, os cortesãos, muito dedicados, e os empregados, muito leais. Na grande estrebaria, havia os mais soberbos cavalos jamais vistos e com os melhores arreios, embora todos estranhassem que o mais importante animal fosse um asno com orelhas compridíssimas. Mas não fora por um mero capricho que o rei lhe dera tamanha distinção. O asno era merecedor de todas as regalias e honras, pois, na verdade, se tratava de um asno com poderes mágicos. Todo dia, ao nascer do sol, a sua baia estava coberta de moedas de ouro, que o rei mandava colher.

Mas como a vida não é para sempre um mar de rosas, certo dia a rainha caiu de cama, com uma doença desconhecida que nenhum médico era capaz de curar. No palácio, baixou uma intensa tristeza. O rei foi a todos os templos do castelo e fez promessas, em que se comprometia a dar sua própria vida em troca da cura da amada rainha. Mas tudo foi em vão.

Certo dia, sentindo que ia morrer, a rainha chamou o marido e lhe disse, aos prantos:  
- Meu fiel esposo e amigo quero fazer-lhe antes de ir-me um pedido: se de novo se casar...  
Nesse ponto, o rei a interrompeu, apartando-lhe as mãos e desfazendo-se em lágrimas, como que para dizer-lhe que jamais sequer pensara nisso.

- Não, não, minha fiel esposa e amiga, em vez disso, peça-me que a siga na tumba!  
- O reino - continuou a rainha com tranquila firmeza - precisa de sucessores e eu só lhe dei uma filha. Portanto terá que se casar de novo, e eu lhe peço que só se case se encontrar uma princesa mais bonita e mais bem-dotada do que eu. Se me jurar isso morrerei feliz e em paz.

Parece que a rainha tinha muito amor próprio, e que se forçou o marido a essa promessa, foi

porque não cogitava que pudesse haver outra princesa que excedesse em beleza e dotes. Porém, o rei jurou e ela, alguns minutos depois, morreu.

O rei sofreu imensamente. Durante vários dias, só chorou e se lamentou. Mas, com o tempo, se foi conformando, e, certo dia, os seus ministros lhe mandaram uma representação, pedindo-lhe que se casasse de novo. Tal pedido o fez desfazer-se em lágrimas pelo pesar reavivado e respondeu que jurara à esposa que só voltaria a se casar quando aparecesse uma princesa mais bonita e mais bem-dotada do que a falecida o que era praticamente impossível. Os ministros disseram que a beleza era algo supérfluo, e que para o bem do reino bastava uma rainha virtuosa e fértil, que lhe desse muitos filhos homens e, assim, tranquilizasse o povo quanto a sucessão. Também disseram que a princesa real tinha todos os atributos para se tornar uma grande rainha, mas, por ser mulher, logo se casaria com um príncipe estrangeiro, o que poria em risco a coroa, já que o rei não tinha filhos que lhe sucedessem.

O rei ouviu tudo e meditou sobre aqueles argumentos racionais, prometendo que voltaria a se casar. E, de fato, procurou, entre as princesas em idade de casar uma que lhe fosse conveniente. Todos os dias, os ministros lhe traziam retratos de princesas dos reinos das cercanias - porém o rei respondia negativamente com a cabeça. Nenhuma chegava aos pés da sua amada falecida.

O tempo passava e, à medida que passava, a princesa real ficava cada vez mais linda, excedendo a própria mãe. O rei reparava naquilo, e como já não estava muito no seu juízo perfeito, começou a sentir pela filha um amor profundo e forte, que não se assemelhava ao amor paterno. Enfim, não conseguindo mais esconder os seus sentimentos, declarou que só se casaria com ela.

A jovem princesa, que era muito virtuosa, quase desfaleceu quando ouviu a declaração de rei seu pai. Lançou-se lhe aos pés e lhe suplicou eloquentemente a não cometer aquele crime hediondo.

O rei foi consultar um druida para ficar com a consciência tranquila, e o druida, que era muito ambicioso e só queria tornar-se um dos favoritos do rei, convenceu-o de que não havia mal algum naquele casamento e que, além de ser vantajoso para todos, era até mesmo um ato de

crueldade. O rei o abraçou e retornou ao palácio mais decidido ainda, e mandou que a princesa se preparasse para as bodas.

A princesa, em desespero, só ocorreu uma ideia: ir consultar a fada Lilás, sua madrinha. Então, partiu naquela noite mesmo, numa espécie de carro puxado por um cordeiro que conhecia todos os caminhos. A fada gostava muito da princesa e logo que a viu chegar lhe disse que já sabia tudo.

- É claro, minha menina, que seria um grande erro casar-se com o seu pai. Porém, eu vejo um jeito de arranjar as coisas sem que haja um confronto. Concorde com as bodas, mas lhe exija como condição que ele lhe dê um vestido da cor do tempo. Nem com todas as riquezas que possuí, nem com todo o seu poder, ele conseguirá semelhante vestido.

A princesa agradeceu à sua madrinha, retornou ao palácio e disse ao rei que se casaria com ele, contando que lhe desse um vestido com a cor do tempo. O rei ficou tão maravilhado com a resposta, que mandou vir os mais habilidosos costureiros do reino, e lhes ordenou que fizessem o vestido, sob pena de serem enforcados.

Mas isso não foi necessário, porque após dois dias os costureiros trouxeram o vestido, leve como as manhãs e azul como o céu. A princesa ficou desapontada e correu de novo ao encontro da madrinha:

- O que fazer agora? - Perguntou-lhe.

- Peça gora um vestido da cor da lua - responde-lhe a fada.

E a princesa real pediu ao rei o vestido da cor da lua, que foi encomendado de imediato. No dia seguinte, o vestido foi entregue e era tal e qual da cor da lua. A princesa se desesperou e de novo se lamentava quando a fada apareceu e disse:

-Se pedir um vestido da cor do sol, tenho certeza de que o rei ficará muito embaraçado, pois é impossível fazer um vestido da cor do sol - e, pelo menos, você ganhará tempo.

A princesa fez o que a fada lhe recomendou - pediu ao rei um vestido da cor do sol, que foi, de pronto, encomendado. E para que os costureiros o pudessem fazer, o rei lhes deu todos os diamantes e rubis da sua própria coroa para enfeitar o vestido. Quando trouxeram, todos os habitantes do palácio tiveram que fechar os olhos, tamanho era o seu esplendor.

A moça se sentiu perdida, e sob o pretexto de que o vestido lhe havia feito mal aos olhos, retirou-se para seus aposentos, onde a guardava a boa fada.

-Minha menina, não se desespere! Nem tudo está perdido! - disse-lhe ela. - O rei está obcecado e nossas estratégias falharam. Mas acho que se pedir a pele do asno que fornece todo o ouro que é sustento da riqueza dessa corte, ele negará. Vá pedir-lhe a pele do asno.

A jovem, alegre e cheia de esperanças, correu e foi pedir ao pai a pele do asno. O rei ficou espantado com aquele capricho, mas na hora ordenou que sacrificassem o asno, cuja pele foi dada à princesa.

A princesa subiu, correndo para seus aposentos e se desfez em lágrimas, mas sua madrinha conseguiu acalmá-la facilmente.

-Mas o que há menina? Pois fique sabendo que isso foi ótimo. Envolve-se na pele do asno e saia pelo mundo. Deus recompensa quem tudo sacrifica pela virtude. Vá. Tudo o que lhe pertence a acompanhará, eu lhe garanto. Fique com a minha varinha de condão. Sempre que a bater no chão, verá surgirem as coisas de que estiver precisando.

A princesa deu um abraço apertado na madrinha, suplicando-lhe que não a abandonasse jamais. Em seguida, envolveu-se na pele do asno, passou fuligem no rosto e saiu do palácio despercebida.

O desaparecimento da princesa foi um verdadeiro escândalo. O rei, que já ordenara uma esplêndida festa para o dia de suas bodas, mergulhou no desespero. Mandou mais de mil mosqueteiros saírem à procura da filha. Mas tudo foi em vão. A varinha de condão tinha a fantástica propriedade de tornar a princesa invisível a todos seus perseguidores.

Assim que saiu do palácio, a princesa foi andando sem rumo, até muito longe, à procura de uma casa onde pudesse empregar-se. Todo mundo lhe dava esmolas, mas ninguém a recebia na sua casa. Aquele rosto cheio de fuligem e aquela pele de asno fazia as pessoas se sentirem nojo dela. Por fim, chegou às cercanias de uma cidade onde havia granja. Naquele exato local, estavam a procura de uma empregada que executasse as tarefas mais grosseiras, como lavar a pocilga, guardar os gansos e outras coisas do tipo. Vendo aquela maltrapilha tão suja, a dona da granja se dispôs a empregá-la, coisa que a princesa aceitou de pronto, de tão cansada que estava.

A mísera princesa teve de ficar num canto da cozinha, com toda a criadagem a caçoar dela da maneira mais estúpida - tudo devido à pele de asno que ela usava. Enfim, acabou por se acostumar com aquilo, e caprichava tanto na execução das suas tarefas, que a dona da granja começou a vê-la com melhores olhos.

Certo dia em que sentara à beira de um tanque, resolveu mirar-se no espelho d'água e assustou-se com sua horrível aparência. Lavou-se e ficou clara como era - linda e branca como a lua. Algum tempo depois, teve que vestir de novo a medonha pele de asno a fim de voltar para casa.

No dia seguinte, não havia trabalho, porque era dia de festa, então a princesa tocou a varinha, e a sua frente surgiram os seus pertences, e ela se divertiu em pentear-se e enfeitar-se com os seus mais lindos ornamentos. O seu quarto era tão pequenininho que as caldas dos vestidos não se podiam desdobrar. Com justo mérito, a princesa se admirou no espelho e teve, dessa forma, um dia feliz. Depois desse dia, resolveu que em todas as horas vagas poria os seus lindos vestidos e se enfeitaria - mas sempre às escondidas, dentro das quatro paredes do seu quartinho. Por vezes, ficava tão encantadoramente linda que até suspirava por não haver ninguém que a visse.

Num dia de folga, em que Pele de Asno (chamavam-na por esse nome) pusera o seu vestido da cor do sol, ocorreu de ali parar o filho do rei, que fora à caça. Era um belo príncipe, o poso idolatrava e os seus pais o adoravam. A dona da granja mostrou-lhe tudo, as aves, as plantações, e como o príncipe era muito curioso, percorreu a propriedade toda, examinando tudo. Mas quando passava por um corredor, encontrou uma porta trancada e resolveu espiar

pelo buraco da fechadura: vislumbrou, lá dentro, uma beleza que o deixou fascinado. Era Pele de Asno com seu vestido da cor do Sol.

Muito intrigado, o príncipe saiu dali e foi perguntar quem ocupara aquele quarto escuro. Responderam-lhe que era uma pastora imunda chamada Pele de Asno, pois sempre vestia uma pele desse animal; disseram também que era tão suja que ninguém tinha vontade de aproximar-se dela, nem de falar-lhe, e que só por caridade a tinham empregado como pastora de carneiros e gansos.

O príncipe logo percebeu que era inútil inquirir aquelas pessoas tolas e voltou para a corte com o coração palpitando de transtorno. Não conseguia tirar da cabeça a fascinante deusa vislumbrada por alguns segundos pelo buraco da fechadura. Arrependeu-se amargamente de não ter arrombado a porta. E tamanha foi a sua excitação que ficou com uma febre altíssima. A rainha se desesperou com o estado do seu filho único e prometeu milhões de recompensa quem pudesse curá-lo.

Todos os melhores médicos do reino acudiram e, depois de vários exames, concluíram que a doença do príncipe provinha de uma inquietude moral. Assim que a rainha ficou sabendo disso foi perguntar ao filho o que realmente se passava no seu coração. Disse-lhe que o que quer que fosse, ela faria tudo por amor a ele; que se queria a coroa, com certeza o seu pai daria sem problema algum; que se queria tomar por esposa alguma princesa, a tomaria, mesmo que fosse necessário declarar uma guerra. Mas que, pelo amor de Deus, não continuasse daquele jeito e lhe confessasse tudo, senão também ela morreria. -Minha querida mamãe - respondeu o príncipe com voz agonizante - não sou um filho desnaturado que quer subir ao trono quando seu pai ainda está vivo. Pelo contrário: quero que ele viva por muitos anos mais.

-Eu sei meu filhinho, mas sua vida é o que temos de mais precioso e queremos saber qual é o motivo do seu desassossego, que tudo faremos para salvar a vida, pois salvando a sua vida estaremos salvando também a nossa.

-Tudo bem mamãe, vou contar-lhe a verdade. O que quero é que Pele de Asno me faça um bolo para saciar a minha vontade.

A rainha ficou estupefata ao ouvir aquele pedido tão estranho, ainda mais com a menção de uma pessoa toda desconhecida e de nome tão feio.

-Meu filho, quem é Pele de Asno?

Um dos palacianos que já estiveram na granja respondeu:

-Majestade, Pele de Asno é uma pastora imunda, encardida, que guarda os carneiros e gansos numa granja de propriedade real.

-Pouco importa! - disse a rainha. - Talvez o meu filho numa das suas caçadas, tenha comido um bolo feito por ela e agora está com desejo doentio. Mandem Pele de Asno preparar o mais rápido possível, o bolo.

Cumprido dizer que, no instante em que o príncipe olhou pelo buraco da fechadura, quando visitou a granja, a princesa o percebeu, e depois, pela janelinha, pode vê-lo quando ele se afastava - e admirou o porte e a beleza viril do príncipe. Alguns dizem até que suspirou - e que desse dia em diante sempre suspirava quando se lembrava daquela cena. O que quer que seja, quando Pele de Asno recebeu a ordem de preparar o bolo, ficou agitadíssima e foi correndo fechar no seu quartinho para pôr a mão na massa. Para tanto, lavou-se, penteou-se pôs seu vestido mais bonito e começou a amassar a mais branca e pura farinha com a manteiga e os ovos mais frescos e amarelinhos. Num dado momento, não se sabe se por obra do acaso ou se de propósito, deixou cair na massa um anel que tinha no dedo. Uma vez pronto o bolo, escondeu-se de novo sob a medonha e repugnante pele, e abriu a porta para entregar aos mensageiros o que lhe fora encomendado, e, tímida, lhes perguntou como passava o príncipe. Os mensageiros, muito soberbos, nem lhe responderam. Pegaram o bolo e se foram a galope para o palácio.

O príncipe recebeu, ávido, o bolo, e o comeu com tamanha voracidade que os médicos ficaram estupefatos, não achando aquilo nem um pouco natural. Alguns segundos depois, começou a tossir desesperadamente, como se algo o asfixiasse. Era o anel. Tirou-o da boca e

viu que se tratava de uma joia rara e linda, que só poderia caber num dedinho de extrema delicadeza.

O príncipe o beijou inúmeras vezes e pôs à sua cabeceira, para de novo contemplá-lo e beijá-lo sempre que ficava sozinho.

Agora o que atormentava era o desejo de conhecer a dona do anel, porém recava contar o que vira pelo buraco da fechadura, pois tinha a certeza de que todos zombariam dele. E, torturando por sentimentos tão contraditórios, acabou piorando. A febre aumentou. Então, os médicos disseram a rainha que a doença do príncipe era simplesmente amor. Na hora, a rainha e o rei foram ao quarto do adorado doente.

- Meu filho! - disseram-lhe. - Seja bom conosco e nos diga o nome daquela que conquistou seu coração, porque juramos aceitar a sua escolha, mesmo que seja a mais humilde serva.

O príncipe, comovido com as palavras dos pais, respondeu-lhes: - Meus queridos pais, eu não quero casar-me com alguém que lhes desagrade, e para provar o que digo declaro que só me casarei com a dona deste anel. Acho que a dona de um dedinho que nele caiba não pode ser nenhuma aldeã indigna de nós.

O rei e a rainha pegaram o anel, examinaram-no com atenção e concordaram com o filho. Em seguida, o rei beijou o filho e se retirou, fez um decreto em que se proclamava que a moça cujo dedo coubesse o anel seria a esposa do príncipe. Houve uma verdadeira peregrinação de moças em idade de casar ao palácio. Vieram, primeiro, as princesas, que eram muitas; em seguida, as duquesas, as marquesas e as baronesas, mas em nenhum dos seus dedos coube o anel. Depois, vieram as mais belas moças da cidade, que não pertenciam à nobreza, e tampouco nos dedos coube o anel. O príncipe melhorara e ele próprio fazia a prova.

Por fim, chegou a vez das milhares moças de baixa condição, criadas, camareiras, e o mesmo aconteceu com elas. Então, o príncipe mandou vir também as cozinheiras e as guardadoras de gado, mas foi em vão.

- Agora só resta vir a tal Pele de Asno que me preparou o bolo - disse o príncipe - e todos

riram, dizendo que uma criatura daquela tão suja não era digna sequer de pôr os pés no palácio.

- Ordeno que a tragam - declarou o príncipe - Não há porque venham todas menos ela. Os cortesãos lhe obedeceram e foram buscá-la porém dando gargalhadas daquela excentricidade do príncipe.

Pele de Asno, que já amava o príncipe, sentiu o coração pular quando soube do tumulto que ocorria na Corte por causa de seu anel e, desconfiada de que também a viria buscar, arrumou-se o melhor que pôde e pôs o seu mais lindo vestido. Em seguida, envolveu-se na pele do asno e aguardou. Algum tempo depois, chegaram os mensageiros com a ordem de levá-la, e os tais mensageiros não conseguiram parar de rir daquele horrendo ser. "Chamaram-na ao palácio, ó imunda! Para casar-se com o filho do rei, ah! Ah! Ah! ".

O príncipe ficou desapontado quando Pele de Asno entrou no seu quarto.  
- É você mesma que ocupa aquele quartinho no fundo da granja?

- Sim, senhor príncipe - respondeu ela.

- Mostre-me a mão - disse-lhe o príncipe por desengano de consciência, e suspirando de desânimo.

Então, o que se sucedeu foi qualquer coisa. Assim que recebeu a ordem de mostrar a mão, Pele de Asno pôs para fora da medonha pele que a cobria a mais delicada mão do mundo, rósea, em cujo dedo médio o anel coube como se tivesse sido feito especialmente para ele. De súbito, a pele de asno lhe caiu dos ombros e aos olhos de todos surgiu uma criatura de beleza exuberante. O príncipe pulou da cama e, ajoelhando aos seus pés, abraçou-a com ternura. Em seguida, o rei e a rainha fizeram o mesmo, perguntando-lhe se aceitava o príncipe por esposo. A princesa, toda confusa, já abria a boca para responder, quando o teto se abriu e a fada Lilás apareceu numa carruagem maravilhosa, tecida de pétalas de lilases, e contou a todos a história da princesa Tim-Tim por Tim-Tim.

A alegria do rei e da rainha foi imensa quando ficaram sabendo que Pele de Asno era uma

princesa real e, portanto, digna de ser a esposa do herdeiro do trono, e de novo, a abraçaram e beijaram.

O príncipe estava tão impaciente para se casar que mal houve tempo para preparar uma festa à altura do faustoso acontecimento. O rei e a rainha, que tinham adoração pela nora, não paravam de mimá-la e de beijá-la. Porém, a moça estava triste e disse que não poderia casar-se sem o consentimento do pai. Assim sendo, ele foi o primeiro a receber o convite para as bodas, que, a conselho da fada Lilás, não mencionava o nome da noiva. Às núpcias, compareceram reis de todas as regiões: alguns foram de liteira, outros de cabriolé, e os de terras mais longínquas, montados em elefantes, em tigres e em águias. Porém, o mais poderoso e magnífico era o pai da princesa, que, para alegria geral, havia esquecido aquele amor impossível e descabido e se havia casado com uma bela rainha viúva, com a qual não teve filhos. A princesa assim que o viu, correu ao seu encontro, e ele logo a reconheceu e a beijou ternamente, antes que ela pudesse ajoelhar-se aos seus pés. O rei e a rainha lhe apresentaram o filho, de quem se tornou muito amigo. As bodas se deram com pompa e circunstâncias, mas os noivos nem perceberam isso, pois só tinham olhos um para o outro.

Então, o rei, pai do príncipe, aproveitou a ocasião para passar o trono ao adorado filho. Este não o queria, mas o rei o forçou, e, para comemorar tão majestoso acontecimento, decretou três meses de festas contínuas que ficaram célebres nos anais do reino.